



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após almoço oferecido à presidente da Índia, Pratibha Patil  
Palácio Itamaraty, 16 de abril de 2008**

**Presidente:** Eu não sou do Sindicato dos Jornalistas, mas arrumei uma entrevista com a presidente da Índia para vocês, ela não queria falar com a imprensa. Eu disse para ela: a imprensa brasileira é muito educada, muito comportada e ela veio aqui e deu uma entrevista para vocês. Eu acho que essa foi a minha contribuição para a imprensa.

**Jornalista:** Presidente, (inaudível) biocombustíveis, alta de alimento, novas críticas...

**Presidente:** Primeiro, quero dizer para vocês o seguinte: receber a presidente da Índia no Brasil é motivo de muito orgulho. Eu estarei indo à Índia em outubro. Eu espero que no encontro que vamos ter em outubro, com a Índia e a África do Sul, a gente faça um grande encontro empresarial entre os três países, porque nós e a Índia temos o compromisso de, até 2010, fazer com que a nossa balança comercial atinja um patamar de 10 bilhões de dólares, hoje está em 3. Significa que nós temos muita coisa para fazer nesses próximos dois anos e oito meses. Eu estou convencido de que o potencial de relações entre Brasil e Índia pode crescer de forma extraordinária. Eu disse à presidente da Índia que é importante que os nossos empresários, os brasileiros e os indianos, aprendam que é muito mais fácil vir ao Brasil e à Índia do que os portugueses para pegar iguarias na Índia em 1500, 1400, 1600. Há um potencial extraordinário que nós não estamos tendo ousadia para explorar.

É aí entra a questão dos biocombustíveis. O mundo não pode viver a contradição que ele está vivendo. Primeiro, é unanimidade que nós temos um



problema climático muito sério no mundo. Todo mundo concorda com isso. Pode ser um pouco mais, pode ser um pouco menos, mas todo mundo sabe que existe um problema muito sério com o aquecimento do Planeta. Ao mesmo tempo, todos os países importantes assinaram o Protocolo de Quioto. Portanto, todo mundo assumiu o compromisso de contribuir para que nós trabalhássemos o desaquecimento do Planeta. Pois bem, o Brasil, modestamente, e por razões de necessidade de sobrevivência, em 1975 introduziu o álcool na matriz energética brasileira. E o Brasil apresenta ao mundo um combustível que cumpre três coisas importantes: primeiro, seqüestra carbono quando a planta está crescendo. Segundo, deixa de emitir CO2 quando os carros estão utilizando esse combustível e, terceiro, gera muitos empregos aqui no Brasil.

Quando nós pensamos a política de biocombustíveis, essa combinação do etanol e essa combinação do biodiesel, nós não pensamos apenas no Brasil. Nós pensamos que o mundo, sobretudo o mundo em vias de desenvolvimento... Se você pegar toda a América Latina, vários países asiáticos e o continente africano, você vai perceber que nós temos um potencial extraordinário de aumentar a produção de alimentos e, ao mesmo tempo, um potencial extraordinário de combinar com a produção de biocombustíveis.

Hoje dez países detêm, praticamente, o monopólio do petróleo. O petróleo é um combustível caro, que exige muita tecnologia, muitos avanços para fazer a prospecção de petróleo. Uma plataforma, para tirar 180 mil barris/dia, custa praticamente 2 bilhões de dólares. E plantar um pé de mamona, um pé de pinhão-manso, um pé de dendê, qualquer um pode fazer cavando um buraco com a mão. Então, nós estamos dando a oportunidade de o mundo ter uma alternativa. Se alguém disser: “Mas isso vai combinar com alimento?” Eu quero dizer para vocês: a principal energia que a humanidade precisa é a comida. Portanto, seria estarrecedor que um ser humano



resolvesse encher o tanque de seu carro de energia produzida a partir do alimento, se ele estivesse com o seu “tanque” vazio. Ele não poderia nem dirigir o carro. Então, eu acho que é, no mínimo, uma falta de bom senso alguém dizer que os biocombustíveis iriam substituir os alimentos.

**Jornalista:** Mas os críticos dizem que pode ter uma alta dos alimentos.

**Presidente:** Veja, vamos chegar lá. Os entendidos, em termos. Muitas vezes, os palpites. É muito fácil alguém ficar sentado em um banco da Suíça dando palpite no Brasil ou na África. É importante vir aqui e meter o pé no barro para saber como é que a gente vive, para saber a quantidade de terras que nós temos e para saber a quantidade e o potencial de produção que nós temos. É importante lembrar que hoje nós temos um bilhão de seres humanos que não come as calorias e as proteínas necessárias e não tem biodiesel. Então, a questão não é essa. A questão é que nós temos um potencial, quem pode tirar proveito disso são os países que têm muita terra e têm pouca agricultura. Os países ricos contribuiriam de forma extraordinária com os países pobres se tirassem os subsídios da agricultura, porque os pobres poderiam produzir e vender para o mercado europeu, vender para os Estados Unidos, e eles não querem fazer isso, que é o que está emperrando a Rodada Doha. E os países pobres, sobretudo continentes como o africano, têm possibilidade de transformar a savana africana numa terra produtora de soja, numa terra produtora de cana, numa terra produtora de dendê, numa terra produtora de alguma coisa: ou de alimento, ou de oleaginosa, ou de uma combinação das duas.

Essa questão do confronto entre alimentos e biocombustíveis, eu não aceito porque a minha responsabilidade... e como ser humano que precisa de comida todo dia, tomar café de manhã, almoçar e jantar, eu jamais iria aceitar qualquer tipo de política de combustíveis que fizesse a gente comer nafta e



fazer combustível de soja, fazer combustível de outra coisa. Essa coisa não existe. Esse é um debate para o qual o Brasil está preparado. Nós, agora mesmo, vamos ter uma conferência com a FAO. Em novembro estaremos convocando um seminário internacional aqui, estamos convidando muitos chefes de Estado, muitos especialistas, cientistas, para que façamos uma discussão muito madura aqui no Brasil. E obviamente que nós queremos levar em conta o seguinte: a primeira necessidade do ser humano é a produção de alimento. Produzido o alimento... E não me digam, pelo amor de Deus, que o alimento está caro neste momento por causa do biodiesel. O alimento está caro neste momento porque o mundo não estava preparado para ver milhões de chineses comerem, para ver milhões de indianos comerem, para ver milhões de africanos comerem, para ver milhões de brasileiros e latino-americanos comerem três vezes ao dia, o mundo não estava preparado para isso. Na medida que esse povo está comendo, nós temos um desafio bom. Qual é? Aumentar a produção agrícola. Esse é o desafio: aumentar a produção agrícola. Porque o povo do Nordeste está comendo mais, o povo do Norte está comendo mais, o povo da África está comendo mais, o povo da China está comendo.

Cada vez que a China evolui um pouco, são 100, 150 milhões, é um Brasil que está entrando no mercado de consumo de alimentos. Então, o que nós temos que fazer? Em vez de ficar chorando, produzir mais alimentos, produzir mais feijão, mais soja, mais arroz, mais trigo. E nesse aspecto o Brasil tem muita coisa. O Brasil tem 400 milhões de hectares totalmente preparados e bons para a agricultura, desses a cana-de-açúcar ocupa apenas 1%, portanto, nós temos muita coisa para plantar. Nós ainda temos 60 milhões de hectares de pasto degradado que podemos recuperar para outras coisas. E o que nós queremos é que outros países pobres plantem e que a Europa abra o seu mercado agrícola para que os países pobres possam vender os seus produtos. Essa é, para mim, a salvação e, quem sabe, a situação mais importante.



Eu, daqui a pouco, vou conversar. Obviamente que esse é um debate que eu e o meu governo estaremos dispostos a viajar o mundo inteiro fazendo. Nós não queremos paixão, nós queremos que as pessoas discutam isso com racionalidade. E não discutir a partir da lógica da Europa. Deixem de olhar o mapa da Europa, olhem o mapa da América Latina, olhem o mapa da África, que a gente vai perceber que tem muita coisa para fazer e nós vamos fazer. Obrigado.

(\$31EGJLP)